



## **“Ação Educativa em Espaços Culturais”:** Formação inicial e continuada de professores – diálogo interativo

*'Educational Action in Cultural Spaces': Initial and continuing teacher education - interactive dialogue*

Luzinete Carpin Niedzieluk<sup>1</sup>

Universidade do Estado de Santa Catarina

### **Resumo**

Este artigo desenvolve uma reflexão e uma análise sobre a importância da disciplina “Ação Educativa em Espaços Culturais” para a formação inicial e continuada de professores de ensino de Arte, como também; pretende descrever a metodologia dialógica e qualitativa utilizada pela professora Dra. Sandra Ramalho e Oliveira, desde bibliografia selecionada para leitura em sala como da interação dos alunos com equipes educativas de instituições culturais de Florianópolis, pesquisadores da arte, do ensino de arte e da mediação cultural, até uma Mostra de Artes Visuais organizada pelos próprios estudantes. Os conceitos que envolvem tal prática como por exemplo, organização, curadoria, museografia, montagem e mediação são efetivamente postos em ação, a partir de autores como Coutinho (2013), Martins (2014), Helguera (2011). Nesse cenário, constata-se a articulação entre teoria e prática como aspecto nuclear para a formação de professores. Os resultados demonstraram que todo educador tem condições de participar de todo o processo expositivo criticamente.

**Palavras-chave:** Formação inicial, Formação continuada, Ação educativa, Espaços Culturais

### **Abstract**

*This paper develops a reflection and an analysis about the importance of the discipline 'Educational Action in Cultural Spaces' for the initial and continuing education of Art teachers. It is also intended to describe the dialogic and qualitative methodology used by Professor Sandra Ramalho e Oliveira (PhD), from bibliography selected for reading in the classroom, interaction of students with educational teams from cultural institutions of Florianópolis (SC), Art, Art Education and Cultural Mediation researchers, to a Visual Arts Exhibition organized by the students themselves. The concepts involving such practice, such as organization, curatorship, museography, displaying and mediation, are effectively put into action through authors such as Coutinho (2013), Martins (2014), Helguera (2011). In this scenario, the articulation between theory and practice as a nuclear aspect for teachers' education is verified. The results showed that every educator is able to critically participate in the whole exhibition process.*

**Keywords:** Educational action, Cultural spaces, Initial education, Continuing education.

### **Considerações iniciais**

Este artigo desenvolve uma reflexão e uma análise sobre a experiência vivenciada pela educadora, docente e pesquisadora<sup>1</sup> ao participar das aulas da disciplina “Ação Educativa em Espaços Culturais” oferecida no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) na UDESC, mas que também é ministrada no curso de Licenciatura em Artes Visuais pela professora Dra. Sandra Ramalho e Oliveira. O objetivo geral desta disciplina conforme seu plano de ensino é o de que os alunos possam - vivenciar experiências de observação e atuação em espaços culturais, subsidiadas por planejamento, estudos teóricos e experiências de mediação, na perspectiva de concebê-los como *locus* privilegiado para a construção de conhecimentos - o que efetivamente ocorre, há articulação entre teoria e prática, e isto vem comprovar a importância destes conteúdos ministrados tanto para a formação inicial como para a formação continuada dos discentes.

### **A formação docente**

A formação do(a) professor(a) de Artes é compreendida contemporaneamente como um processo permanente e sempre em construção, que não se restringe somente ao período da academia, da formação universitária.

Desse maneira, pode ocorrer em múltiplos espaços (formais e não-formais) através das vivências e experiências dos docentes como também por meio de pesquisas, grupos de estudo e estudos individuais problematizando reflexões sobre as práticas.

Em Pedagogia da Autonomia, Paulo Freire (1996, p. 39) aponta que: “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”, este é um desafio permanente do professor/educador em construção, pois parafraseando Freire, o professor aprende a ensinar, na própria ação de ensinar, de modo que a prática e a teoria se complementam conjuntamente. Corroborando o dito de Freire, Coutinho (2008, p. 158) afirma que:

A formação do professor se intensifica à medida que ele se defronta com as situações reais de ensino e aprendizagem. Faz parte intrínseca de sua profissionalidade a reflexão e a pesquisa contínua. Um movimento que se amplia na troca entre seus pares, nos planejamentos coletivos e também nas carências e dificuldades comuns identificadas nos momentos de cumplicidade. (COUTINHO, 2008, p. 158).

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Assim, o processo formativo está em constante aprimoramento, durante as ações dos discentes e docentes e, certamente observando isto na sua prática de docência Sandra Ramalho e Oliveira identifica a falta da implantação de conhecimentos sobre museografia, expografia, mediação, curadoria e oferece a disciplina "Ação Educativa em Espaços Culturais" que veio suprir uma lacuna no currículo do curso de Licenciatura de Artes Visuais da UDESC, como também no da pós-graduação, ampliando as possibilidades ao futuro docente ou ao docente já em exercício para atuar em diversos segmentos culturais.

### **A disciplina: Ação Educativa em Espaços Culturais**

Esta disciplina é oferecida na Universidade do Estado de Santa Catarina desde 2005, com carga horária de 60 horas, pela professora acima citada e idealizadora da disciplina no currículo dos respectivos cursos em que é oferecida, cujo conteúdo abrange desde concepções de Museus, Centros Culturais em relação à ação educativa; diferentes propostas de ação educativa: teorias e práticas; análise do pensamento contemporâneo brasileiro sobre as atuais tendências de ação educativa; vivência de todas as etapas de uma mostra, para atuação posterior; planejamento da ação educativa; observação da ação educativa [até] a atuação como mediador.

Seus objetivos específicos, conforme o plano de ensino, pretendem que o aluno possa:

Refletir sobre textos que abordam a ação educativa não formal; Conhecer situações de ensino em museus e espaços culturais diversos; Planejar mostra experimental visando atuação posterior; Planejar uma experiência de ação educativa; Vivenciar ação educativa em um espaço cultural; Comparar experiências de ação educativa em museus e espaços culturais; Registrar as experiências, para futuras consultas e reflexões; Observar a dinâmica das relações e a circulação de conhecimentos na prática educativa.

Nesse cenário percebe-se a valorização dos paradigmas de formação que desencadeiam nos professores a reflexividade crítica sobre as suas práticas e teorias. Assim, fica claro aos alunos tanto pelo conteúdo a ser ministrado quanto pelos objetivos da disciplina de que todos iram vivenciar as etapas que compõem uma Mostra, além de refletirem sobre a obra estética que iram apresentar nela com vistas a mediação com o público, com os leitores.

### Aspectos metodológicos

Observamos que a metodologia utilizada pela professora Ramalho e Oliveira para a transposição didático-pedagógica<sup>2</sup> dos conteúdos do ensino de Arte é a que se denomina de qualitativa, expositiva e dialógica, ou seja, os textos selecionados para as leituras e debates em sala de aula eram todos bastante reflexivos e traziam as concepções do que é uma Ação Educativa, o que é uma Mostra, qual o papel do curador, quais as diferenças entre curadorias, o que é mediação, montagem e outras mais. Isto a nosso ver já está sendo pensado pela professora como nosso processo (dos alunos) em construção, pois ao final da disciplina, os discentes produzem uma Mostra de Artes Visuais. Outro aspecto relevante é o de que as aulas são ministradas no Museu da Escola Catarinense (MESC) – pertencente à UDESC e a Mostra também é realizada neste espaço museológico, o que segundo Buchmann (2016, p. 391) “[...] permite a reflexão presencial a respeito do uso dos espaços culturais por suas administrações e pela população, que ainda desconhece a instituição e pouco a visita. Assim, a disciplina tem o caráter de implemento desse espaço público”.

### Interações dialógicas

Na primeira interação entre alunos(as) e professora, no ano de 2017, esta nos trouxe um texto-base provocativo intitulado **Cui bono** de sua autoria, para nos estimular a pensar a Mostra de Artes Visuais. Esta expressão **Cui bono** é latina e quer dizer *Quem se beneficia? Ou a quem beneficia?* Para Ramalho e Oliveira (2017, p. 1):

Desde que a arte deixou de ser a vista da janela, ou a substituta do que viria a ser, mais tarde, a fotografia, ainda que com imagens muitas vezes enganosas, beneficiando os interesses dos mecenas, ou mesmo desde que a arte deixou de prioritariamente se ocupar de louvar a Deus, o pensamento sobre a realidade concreta, em seus mais diferentes aspectos, passou a ser seu objeto. Vivemos, no país e fora dele, momentos de angústias e contradições e, dado o fato de que a expressão *cui bono?* pode também aludir à noção de que o verdadeiro responsável por algo não é quem aparenta ser, ela surge como apropriada para uma reflexão que suscite a produção de trabalhos de arte. Corrupção, cinismo, discriminação, terrorismo, farsas, agressões ao meio ambiente, traições, crise de valores, enfim, amoralidade e agressividade são posturas que permeiam as relações sociais e políticas e esse modo de filosofar por meio de imagens, a arte – em seu sentido amplo – vem assumindo o papel de fazer denúncias poéticas e de conscientizar as pessoas, com originalidade.

---

<sup>2</sup> Este conceito é aqui entendido conforme proposto por Yves Chevallard no livro *La Transposition Didactique* (1985).

Este texto-base finaliza com a provocação:

Assim, visando suscitar o debate, desafiamos os pós-graduandos do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC, estudantes da disciplina Ação Educativa em Espaços Culturais para criarem propostas em resposta ao dito '*cui bono?*' como uma questão de pesquisa artística, como uma proposição para se refletir sobre os tempos vividos por nós e sobre como sobre eles podemos atuar, como educadores, artistas e mediadores (RAMALHO E OLIVEIRA, 2017, p. 1).

Com isto, refletimos o semestre todo praticamente, a partir deste conceito *Cui Bono* para pensar uma concepção de Mostra de Artes Visuais para o encerramento da disciplina, já que para Sartre “[...] o importante não é o que fazem conosco, mas o que nós fazemos do que fazem conosco”.

A questão que se apresentou a partir da leitura do texto-base e das reflexões iniciais foi a de como provocar o olhar do público, dos leitores/contempladores por meio de nossas propostas de pesquisa para situações cotidianas que estão de forma explícita beneficiando alguns sujeitos em detrimento da coletividade e esta coletividade muitas vezes não percebe.

Para ancorar nosso trabalho, primeiramente lemos e debatemos textos de autores como Grossmann (2015), Martins (2014), Helguera (2011), Coutinho (2013), Chen (2014) que trazem um panorama sobre questões museológicas, curadoria, papel do professor pesquisador, mediador e propositor, educação formal e não-formal e outras mais.

Dando continuidade, foram feitas visitas técnicas em espaços culturais da cidade: Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC), Museu de Arte de Santa Catarina (MESCA), Galeria Municipal de Arte Pedro Paulo Vecchietti, Fundação Hassis, Fundação Badesc e Espaço Cultural Armazém.

Nessas ocasiões, foi possível ouvir um pouco da prática das equipes responsáveis pela Ação Educativa nestes espaços, que se mostram muito diferenciadas entre si, tanto no modo como conduzem as mediações, como também na maneira que apresentam os projetos já realizados em parceria.

Na verdade, os educadores que compõem estas equipes são na sua maioria ex-alunos da profa. Sandra Ramalho e Oliveira, a quem são imensamente gratos pelo que aprenderam com relação a museografia, concepção curatorial, montagem e mediação e que estão vivenciando a teoria em suas ações práticas, cotidianas.

Estes depoimentos comprovam *in loco* a importância desta disciplina aos cursos de formação inicial e contínua na UDESC. Esta professora utiliza o que Feldmann (2008) denomina de paradigma comunicativo-dialógico, que tem por base a racionalidade comunicativa, o ensino se faz pela construção e reconstrução da identidade pessoal e profissional em determinados contextos sociais de aprendizagem proporcionando aos alunos tornar suas práticas em fontes de conhecimento.

### **A Mostra *Cui bono***

A Mostra foi o resultado do projeto desenvolvido na disciplina, do engajamento de todos os alunos envolvidos, inclusive da participação de alunos que já haviam cursado a disciplina anteriormente e de duas professoras em estágio pós-doutoral, além da professora da turma.

A partir do primeiro dia de aula em que Ramalho e Oliveira ofereceu uma análise do conceito da mostra *Cui Bono*, este conseqüentemente se traduziu para todos os alunos nos diversos modos dos trabalhos apresentados na mostra em questão.

A seguir, apresentamos o cartaz de divulgação da mostra e o texto de parede escrito pela profa. Dra. Sandra Ramalho e Oliveira que traz uma narrativa descritiva dos trabalhos.

O cartaz de divulgação da mostra *Cui bono* foi criado por André Ricardo de Souza e Sandra Ramalho e Oliveira.

Participantes e convidados da disciplina Ação Educativa em Espaços Culturais do PPGAV da UDESC ficarão contentes com sua presença às 19:00 horas do dia 7 de junho no MESC para a abertura da exposição.

Parte integrante da disciplina, a mostra de 2017 tem a expressão latina interrogativa *Cui bono?* como conceito: a quem beneficia? Ou quem se beneficia?



*Cui bono?*

Artistas

Airton Jordani  
André Ricardo Souza  
Camila Vieira  
Cárlida Emerim  
Janaí de Abreu Pereira  
Luciano Buchmann  
Luzinete Carpin Niedzieluk  
Priscila Barbeiro  
Rosanny Moraes de Moraes Teixeira  
Sandra Conceição Nunes  
Sandra Ramalho e Oliveira

De 07 à 14 de junho no MESC



**Figura 1** – Cartaz de divulgação da Mostra *Cui bono* criado por André Ricardo de Souza e Sandra Ramalho e Oliveira

Dando continuidade, transcrevemos o texto de parede escrito por Ramalho e Oliveira (2017):

### **CUI BONO?**

*Cada nova turma da disciplina Ação Educativa em Espaços Culturais do PPGAV da UDESC cria uma mostra participando de todas as etapas, culminando até a mediação, para mostrar que o educador de espaços culturais pode e deve ser sujeito atuante a cada passo de um processo expositivo. Participam também desta mostra, alunos que já cursaram a disciplina e duas professoras em estágio pós-doutoral. O conceito curatorial proposto neste ano foi a expressão latina interrogativa *Cui bono?*, que quer dizer Quem se beneficia? Ou a quem beneficia? Vivemos, no país e fora dele, momentos de angústias e contradições e a expressão *cui bono?* pode alertar para o fato de que o verdadeiro responsável por algo não é quem aparenta ser. Cônsul e censor romano, Lúcio Cássio costumava perguntar: *cui bono?*. Era um modo de fazer julgamentos e emitir pareceres honestos e justos. João Ubaldo Ribeiro, em uma crônica de 2013 intitulada *Cui prodest? Cui bono?*, lembra que um bom Promotor ou advogado, mesmo diante de um crime elucidado deveria fazer a pergunta, cunhada por Sêneca: "*Cui prodest scelus, is fecit*", ou "quem se beneficia com o crime é seu autor".*

**Camila Vieira** foca a ideia do benefício no contexto da sua realidade profissional: como pessoas não videntes ou com baixa visão podem se beneficiar de uma mostra de artes visuais? **Cui Bono?** Apenas os videntes? Com que frequência o público pode

*tocar em uma obra? Seria a arte uma prática facilitadora da acessibilidade? Quem se beneficia descobrindo novos modos de comunicação?*

**Mãos em recuperação** é o trabalho de **Luz Carpin**. Nele ela mostra uma reação dolorosa, resultado de um acidente sofrido por ela, no qual quebrou o polegar esquerdo, voltando-se então para a importância das mãos. Nos ambientes de recuperação, percebeu muita dor e sofrimento, de adultos e de crianças, e começou a refletir sobre quem de fato se beneficia com isto?

**Luciano Buchmann** traz o trabalho **Ou isto ou aquilo**: "ou isto ou aquilo... e vivo escolhendo o dia inteiro! Não sei se brinco, não sei se estudo, se saio correndo ou fico tranquilo". No poema, Cecília Meirelles representa as dualidades que refletem as inquietações a respeito de nossos atos na sociedade, ganho x perda, submissão x desobediência e trabalho x tempo livre. Até 1960, as cédulas de dinheiro brasileiro eram 100% importadas. Foi Aloisio Magalhães, então, durante a ditadura, iniciou o processo de autossuficiência na produção da moeda nacional. Este ano, foi aprovada, na surdina, Medida Provisória que tornou-se Lei, permitindo ao Banco Central voltar a importar o dinheiro brasileiro.

Em **De volta ao cruzeiro**, **Airton Jordani**, protesta. A quem interessa manipular imagens? O cineasta russo Lev Kuleshov desde 1915 estuda a montagem fílmica e aqui o objetivo é trazê-lo para a atualidade. A obra **Cui Bono Manifesto** questiona a quem interessa a manifestação: ao ser, ao homem, a instituição ou ao social? Manifesto o que, pra que e para quem? Estas foram as indagações e motivações que moveram **Cárlida Emerim** e **Janaí Pereira**.

**André Ricardo Souza** apresenta em **Cidade-Segmento**, uma série fotográfica combinada com textos poéticos (imagens e poemas lofi de alto contraste), dentro da temática do espaço urbano, relevando aspectos fragmentados da cidade. Tempos obscuros entre a notícia pós-verdadeira e o engajamento ideológico segmentado. A quem interessa essa (des) configuração? Cui Bono?

**Nanny Moraes** participa com uma imagem intitulada **Impermanência na Cidade**. A contemporaneidade nos desafia a compreender a impermanência nos lugares da cidade de quem os habita temporariamente, e nos hábitos nômades dos moradores de rua. Como nos relacionamos com os locais compartilhados com cobertores, caixas de papelão, carrinhos de coleta de lixo e animais que se deslocam no território urbano? A quem interessa?

**Sandra Nunes**, sob o título de **"Palavras [in]Visíveis"**, apresenta fotos de palavras/frases inseridas no espaço urbano do centro de Florianópolis. Trata-se de um recorte curatorial de textos verbais com carga política, social e reflexiva, ilustrando movimentos da sociedade em relação e reação à vida atual. A cidade nos fala, mas em meio a um espaço tão cheio de informações, será que assimilamos o que ela diz?

Gritos nos muros da cidade são objeto de **Priscila Barbeiro**: reportando-se à operação **Cidade Linda**, do prefeito paulista João Doria, que apagou marcas da arte nos muros, autoritariamente. Ai está: Cui Bono? A quem beneficia? Apagar grafites e pixos faz uma cidade melhor? Com problemas como desigualdades, violência, saúde precária, entre outros, a quem beneficia apagar cores, formas e expressões por um spray cinza?

O acesso à tecnologia demanda uma infraestrutura que costumamos não nos importar. Queremos resultados, o "o quê"; não nos interessa o "como". A Companhia de Energia Elétrica tem tido a incumbência de instalar postes para sustentar os fios elétricos. Mas a TV a cabo, a internet e as linhas telefônicas se dependuram nos mesmos postes, enredando a fiação elétrica, causando riscos. Quem autoriza? **Cui Bono, CELESC?**

Percebe-se que os trabalhos expostos apontam a preocupação dos sujeitos criadores com relação as fragilidades do mundo contemporâneo, e o que, ou como isto impacta nos sujeitos espectadores. Estes trabalhos revelam que o museu pode ser entendido



como um campo de tensão, como afirmam Chagas e Nascimento (2008, p. 65): “Tensão cíclica, entre mudança e permanência, entre o perene e o volátil, entre a diferença e a identidade, entre o passado e o futuro, entre a memória e o esquecimento, entre o poder e a resistência”.

Com relação aos processos de mediação, estes se deram com o público que frequenta o museu<sup>3</sup> e foram muitas as mediações, que cada aluno fez ao seu modo, sem um modelo a seguir, mas a partir dos pressupostos dos teóricos da área estudados na disciplina; não obstante, que trago o relato de uma mediação, a título de exemplo:

A mediação aconteceu de forma muito interessante, pois era um grupo de visitantes chilenos, assim, para compreender o objetivo da exposição mais especificamente da minha produção foi necessário todo um discurso sobre o contexto político na qual estamos vivenciando. Assim como a maioria, eles também conheciam o Brasil pela sua fama com uma política desonesta. Um ponto interessante, foi quando eles me disseram que no Chile não há universidades públicas, e que isso era um ponto muito positivo em nosso país.

Entendemos que todo museu além de ser um ambiente de experiências estéticas é também um ambiente de prática e fomento cultural. E como afirma Thistlewood (1999, p. 153): “A introdução ao museu de arte e o seu acervo deve ser orientada, isto é, acompanhada de instrução”. Isto reforça e justifica o valor da presença de um professor-mediador e ou de um educador na instituição dialogando com espaços e espectadores. Outra afirmativa nesta direção é de O’Doherty (2002, p. 57) diz que “A maior parte da nossa vivência só se torna perfeitamente clara pela mediação”.

Cabe mencionar que a mediação aqui foi compreendida e praticada de acordo com o que nos assegura Cocchiarale (2007, p. 15): “O monitor, o educador, o mediador deve ser menos a pessoa que transmita conteúdos e mais alguém que estimule o público a estabelecer algumas relações de seu próprio modo”.

Assim, todos os alunos da disciplina, neste caso da formação continuada (participantes de 2017), vivenciaram e experienciaram todos os momentos da organização de uma Mostra, como também interagiram com educadores dos espaços culturais e também com o público no momento da mediação, o que possibilitou a

---

<sup>3</sup> Conforme dados do IBGE, 96% dos brasileiros nunca foram a um museu e 93,4% dos brasileiros jamais frequentaram uma exposição de arte. Uma das contribuições do professor-mediador é também estimular seus alunos e as pessoas em geral a frequentarem museus.

reflexão sobre a importância da mesma na sua formação. Assim, tornamo-nos sujeitos propositores de nossas ações e reflexivos em nossos processos.

Nesse sentido, Coutinho, (2013 p. 54) assevera que:

No campo do ensino de artes e da mediação cultural, para além de ações afirmativas e legitimadoras, estamos diante de vários paradoxos que exigem um posicionamento político e inquiridor do educador mediador. E nesta perspectiva, o espaço de formação, seja ela inicial ou contínua, formal, não-formal ou informal, é a meu ver o espaço de construção de novas possibilidades. Porém, sabemos que a capacidade de refletir e se posicionar criticamente dependem de desejos de transformação, de consciência política, de coragem para enfrentar desconfortos, e esses atributos não se ganham de presente, se conquistam.

Percebe-se que a inclusão da disciplina foi uma conquista da professora nos currículos dos cursos da Udesc e isto está provocando transformações em seu entorno, pois conforme mencionado por Coutinho (2013) a capacidade de refletir e se posicionar exige novos posicionamentos críticos do educador frente a questões sociais, políticas e econômicas.

E como afirma Feldmann (2008, p. 181):

O ensinar abrange a multidimensionalidade, é um campo de conhecimento permeado por tensões e conflitos, e o lugar da arte como área de saber ainda continua secundarizado em relação a outras áreas, com vários obstáculos de natureza pedagógica e político-social a serem enfrentados para poder mostrar-se com maior nitidez a beleza de suas luzes, cores e movimentos.

Vale lembrar que a curadoria, em termos conceituais, foi proposta pela professora Ramalho e Oliveira, mas no que se refere às obras em questão e à organização da narrativa no espaço expositivo, foi elaborado coletivamente.

### **Considerações Finais**

Nesta experiência vivenciada os alunos perceberam *in loco* aquilo que a pedagogia Freiriana – racionalidade comunicativa – pressupõe como sendo uma prática transformadora construída pelo homem que dialoga, indaga, refaz, recria e ressignifica as teorias. Nessa perspectiva, concordamos com Feldmann (2008) ao

propor que a formação de professores, além de coletiva, é dialeticamente uma autoformação, uma vez que os professores reelaboram os seus saberes em experiências cotidianamente vivenciadas com os outros em situações sócio-históricas-contextualizadas.

Recorremos a Tardif (2007, p. 16) ao afirmar que os saberes de um(a) professor(a) "são uma realidade social materializada através da formação, de programas, de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada, etc., e são também, ao mesmo, os saberes dele."

Constatou-se por meio dos conteúdos da disciplina e da relação dialógica entre a professora e os alunos que "efetivar mudanças é compartilhar a construção de projetos que transcendem a dimensão individual tornando-se um processo coletivo", foi isto que vivenciamos na prática e que possibilitou ressignificar nosso processo em trans (formação).

## Referências

BUCHMANN, L. Da gaveta à ação educativa: uma experiência a refletir. **Revista Gearte**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 382-395, set./dez. 2016. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>. Acesso em: 24 jun. 2017.

CHEN, L. Reflexões sobre a educação formal e não-formal a partir da semiótica discursiva. In: XX COLÓQUIO DO CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSEMIÓTICAS, 2014, São Paulo. **Anais** XX Colóquio do Centro de Pesquisas Sociossemióticas, (PUC-SP), São Paulo. Editora da PUC-SP, 2014.

CHEVALLARD, Y. **La Transposition didactique**: du savoir savant au savoir enseigné. Grenoble: La Pensée Sauvage, 1985.

COUTINHO, R. G. O educador pesquisador e mediador: questões e vieses. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes**, v. 3, p. 44-54, 2013. Disponível em: < <https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/82>>. Acesso em: 22 maio 2017.

FELDMANN, M. G. A questão da formação de professores e o ensino de arte na escola brasileira: alguns apontamentos. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, 11(1), p.169-182, 2008. Disponível em: <[www.uepg.br/olhardeprofessor](http://www.uepg.br/olhardeprofessor)>. Acesso em: 16 jun. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GROSSMANN, M. **Museu como interface.** Disponível em: <[http://www.forumpermanente.org/event\\_pres/simp\\_sem/pad-ped0/documentacao-f/ mesa\\_03/mesa3\\_martin](http://www.forumpermanente.org/event_pres/simp_sem/pad-ped0/documentacao-f/ mesa_03/mesa3_martin) > Acesso em: 06 fev. 2015.

HELGUERA, P. Transpedagogia. In: HELGUERA, Pablo e Mônica Hoff (Orgs.). **Pedagogia no campo expandido.** Porto Alegre: Fundação Bial de Artes Visuais do Mercosul, 2011. (8ª Bial do Mercosul). Disponível em: <[http://latinamericanartathunter.org/uploads/Pedagogia\\_no\\_campo\\_expandido\\_-\\_8Bial%20Portuguese.pdf](http://latinamericanartathunter.org/uploads/Pedagogia_no_campo_expandido_-_8Bial%20Portuguese.pdf) > Acesso em: 10 fev. 2016.

MARTINS, M. C. **Curadoria educativa: dispositivos para encontros.** In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Pensar juntos mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos.* São Paulo: Terracota, 2014, p.188- 202.

NASCIMENTO, J. J. do; CHAGAS, M. de S. Diversidade museal e movimentos sociais. In: NASCIMENTO Júnior, José do (org.). **IBERMUSEUS 2: Reflexões e comunicações.** Brasília/DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2008.

O'DOHERTY, B. **No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RAMALHO E OLIVEIRA, S. **Cui Bono?** Texto escrito para fins didáticos. Florianópolis: UDESC, 2017.

RAMALHO E OLIVEIRA, S. *Cui Bono?* In: **Cui Bono?** Convite da Mostra. Florianópolis: UDESC e Museu da Escola Catarinense. 2017.

TARDIF, M. **Saberes docentes & formação profissional.** Trad. Francisco Pereira. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

THISTLEWOOD, D. Estudos críticos: O museu de arte contemporânea e a relevância social. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte-educação: leitura no subsolo.** São Paulo: Cortez, 1999.

---

<sup>i</sup> Pós-doutoranda em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – Centro de Artes, da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/CEART/UDESC). Doutora em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UFSC). Membro do grupo de pesquisa CNPq Núcleo de Estudos Semióticos e Transdisciplinares – (NEST/UDESC). Mestre em Linguística Textual pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UFSC). Graduado em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina e em Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Como citar esse artigo:

NIEDZIELUK, Luzinete Carpin. “Ação Educativa em Espaços Culturais”: Formação inicial e continuada de professores – diálogo interativo. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 10, n. 3, p. 143-155, set./dez. 2017.

Recebido em: 01 agosto 2017

Aprovado em: 28 novembro 2017